

JENNIFER HILLIER

NADA
FICA NO
PASSADO

Esta é a história de três amigos: uma que foi assassinada, uma que foi para a prisão e aquele que está procurando a verdade por 14 anos...

JENNIFER HILLIER

NADA

Esta é a história de três amigos: uma que foi assassinada, uma que foi para a prisão e aquele que está procurando a verdade por 14 anos...

FICA NO

PASSADO

Tradução de
Maria José Silveira e Felipe Lindoso

 **FARO
EDITORIAL**

**JAR OF HEARTS COPYRIGHT © 2018 BY JENNIFER HILLIER
PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH ST. MARTIN'S PUBLISHING
GROUP. ALL RIGHTS RESERVED.
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2023**

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer
meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Assistente editorial **LETÍCIA CANEVER**
Preparação **DANIELA TOLEDO**
Revisão **BARBARA PARENTE E CRIS NEGRÃO**
Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**
Imagem de capa **FEDOROV IVAN SERGEEVICH | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Hillier, Jennifer
Nada fica no passado / Jennifer Hillier ; tradução
de Maria José Silveira, Felipe Lindoso. — São Paulo :
Faro Editorial, 2023.
288 p.

ISBN978-65-5957-250-2
Título original: Jar of hearts

1. Ficção norte-americana I. Título II. Silveira, Maria José
III. Lindoso, Felipe

22-6081 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



1ª edição brasileira: 2023
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-000
www.faroeditorial.com.br

PARTE UM

NEGAÇÃO

*“Nem sei por que eu estava correndo — acho
que foi por pura vontade.”*

— J. D. Salinger, *O Apanhador
no Campo de Centeio*

1

O JULGAMENTO MAL APARECEU no noticiário nacional. O que é bom, já que menos publicidade atrai menos jornalistas. Mas é ruim também, porque o quão depravado um crime precisa ser hoje em dia para conseguir manchetes nacionais?

Depravado pra caramba, pelo visto.

Há apenas uma breve menção a Calvin James, conhecido como Estrangulador de Sweetbay, no *New York Times* e na *CNN*, e seus crimes não foram tão sensacionais a ponto de merecer uma matéria na revista *People* ou comentários no noticiário noturno da TV. Mas para os moradores da costa noroeste do Pacífico — pessoas nos estados de Washington, Idaho e Oregon —, o julgamento do Estrangulador de Sweetbay é assunto quente. O desaparecimento de Angela Wong quatorze anos atrás agitou a área de Seattle, já que o pai de Angela é um alto funcionário da Microsoft e amigo de Bill Gates. Houve grupos de busca, entrevistas, recompensa monetária, que aumentava a cada dia que ela não voltava para casa. A descoberta dos restos mortais da garota de dezesseis anos tanto tempo depois — e apenas a oitocentos metros de sua casa — provocou ondas de choque na comunidade. O pessoal da região se lembra. #JustiçaParaAngela estava bombando no Twitter naquela manhã. Foi a nona ou décima *hashtag* mais postada por cerca de três horas apenas, mas ainda assim...

Os pais de Angela estão no tribunal. Haviam se divorciado um ano depois do desaparecimento da filha, o último fio de um casamento que foi se desfazendo por uma década. Agora estão sentados lado a lado, algumas fileiras atrás da mesa do promotor, com seus esposos atuais, unidos na dor e no desejo de ver a justiça ser feita.

Georgina Shaw não consegue encarar os olhos deles. Ver a dor e a fúria gravadas nos seus rostos é a pior parte da coisa toda. Ela poderia tê-los poupado de quatorze anos de noites mal dormidas. Ela poderia ter-lhes dito tudo na mesma noite em que tudo havia acontecido.

Geo poderia ter feito muitas coisas.

Quatorze anos atrás, a mãe de Angela era uma mulher fútil e materialista, mais preocupada com sua posição social do que em prestar atenção na filha adolescente. O pai não era muito melhor, um viciado em trabalho que preferia jogar golfe e pôquer nos fins de semana a estar com a família. Até o desaparecimento de Angela. Então eles se uniram, para depois se separarem. Reagiram ao desaparecimento como qualquer família normal e amorosa faria. Ficaram vulneráveis. Emotivos. Geo quase não reconheceu Candace Wong, agora Candace Platten. Ela engordara dez quilos em um corpo que antes era impossivelmente magro, mas o peso extra a deixara mais saudável. Victor Wong parece mais ou menos o mesmo, um pouco mais barrigudo e com muito menos cabelos.

Geo passou um bom tempo de sua juventude na casa de Angela, comendo pizza na cozinha dela, dormindo ali várias vezes quando seu pai fazia plantões noturnos na emergência do hospital. Ela cuidou dos Wong nos dias em que sua única filha não havia voltado para casa, assegurando que ela seria encontrada, dando respostas que os faziam se sentir melhores, mas que estavam longe da verdade. Os Wong foram convidados para a formatura da turma do colégio St. Martin, onde receberam um prêmio especial em homenagem a Angela, que havia sido líder de torcida, estrela do time de vôlei e aluna exemplar. E todos os anos depois do colégio, em qualquer lugar do mundo onde estivesse, Candace Wong Platten mandava um cartão de Natal para Geo. Uma dúzia de cartões, todos assinados do mesmo jeito. *Com amor, a mãe da Angie.*

Agora eles a odeiam. Os pais de Angela não desviaram o olhar de Geo desde que ela entrou no tribunal. Nem os jurados, agora que ela está sentada no banco de testemunhas.

Geo está preparada para as perguntas e as responde como havia praticado, mantendo os olhos fixos em um ponto qualquer no fundo do tribunal. O promotor distrital adjunto a preparara bem para esse dia, de modo a parecer que ela está ali apenas para jogar luz sobre os acontecimentos daquela noite, para acrescentar drama e cores ao julgamento. De qualquer modo, o promotor considera o caso ganho. Tinham muitas provas para condenar Calvin James em três outros assassinatos que aconteceram muito depois do de Angela, mas Geo está ali apenas para falar sobre a noite em que sua melhor amiga havia morrido. É o único assassinato em que está envolvida e, logo depois do depoimento, ela será despachada para o Centro Correcional Aveleira para começar a cumprir sua pena de cinco anos.

Cinco anos. É ao mesmo tempo um pesadelo e um presente, o resultado de um acordo bem montado por seu advogado famoso e caro, além da pressão sobre o promotor distrital para que o Estrangulador de Sweetbay fosse para a cadeia. O público pressiona para que o assassino em série seja condenado à morte, mas isso não vai acontecer. Não em uma cidade tão desafiadoramente liberal como Seattle. Mas o promotor tem grandes chances de conseguir cinco prisões perpétuas consecutivas para Calvin James, assim, em contraste, a condenação de Geo a cinco anos de prisão está longe de ser o suficiente, segundo alguns comentários da #JustiçaParaAngela, nas redes sociais. Geo ainda será jovem quando for libertada, com bastante tempo para recomeçar. Ainda poderá se casar, ter filhos, desfrutar a vida.

Em teoria, pelo menos.

Ela arrisca olhar para Andrew, sentado ao lado do pai dela, na terceira fileira do fundo. Ele é a razão que a fez se vestir bem naquele dia. Perdiu que seu vestido Dior favorito e seus sapatos Louboutin fossem trazidos para ela naquela manhã. Seus olhares se encontram. Andrew lhe oferece um sorrisinho de encorajamento, e isso a aquece um pouco, mas ela sabe que não vai durar.

Seu noivo não sabe o que ela fez. Mas logo vai descobrir. Geo olha para as mãos, cuidadosamente cruzadas no colo. Ainda tem no dedo o anel de noivado, um diamante ovalado de três quilates e um quilate adicional de diamantes menores cercando a pedra central. Por enquanto. Andrew Shipp tem um gosto impecável. Claro que sim, vem de uma boa educação, de uma família importante e uma enorme conta bancária. Depois que ele terminar o noivado — o que é claro que fará, já que a única coisa que lhe importa mais que Geo é a empresa da família —, ela devolverá o anel.

Claro que ela devolverá. É a coisa certa.

Uma foto ampliada de Angela está montada em um cavalete diante do júri. Geo se lembra do dia em que a foto foi tirada, algumas semanas depois de começar o primeiro ano no colégio St. Martin. Geo tem a versão completa da foto em algum lugar de sua casa, na qual as duas melhores amigas estão lado a lado na feira de Puyallup — agora renomeada como Feira Estadual de Washington —, Geo com uma nuvem de algodão-doce azul na mão, e Angela com uma casquinha de sorvete que derretia depressa. A foto, agora ampliada e com Geo cortada, é um *close* de Angela sorrindo, o sol fazendo seu cabelo brilhar e os olhos castanhos cintilarem. Uma bela garota em um belo dia, com o mundo a seus pés.

Ao lado da foto, em outro cavalete, está outra foto ampliada. Mostra os restos de Angela, descobertos no bosque atrás da casa de infância de Geo. Apenas uma pilha de ossos jogados na terra, e qualquer pessoa concordaria que dá para ver coisas muito piores na TV. A única diferença é que os ossos mostrados são reais, pertencem a uma garota que morreu jovem demais e de modo violento demais para a compreensão de qualquer um.

O promotor continua o interrogatório, pintando para os jurados uma imagem de Angela Wong através do olhar de Geo. Ela continua respondendo a tudo, não adicionando mais detalhes que o necessário. Sua voz ecoa através dos alto-falantes da pequena sala do tribunal, e ela soa mais calma do que se sente. Sua profunda tristeza — que ela carrega consigo desde a morte de Angela — parece diluída na busca de falar com clareza e de modo articulado.

Da bancada da defesa, Calvin a observa com atenção enquanto ela fala, seu olhar a penetra. É como ser violada mais uma vez. Geo descreve para o tribunal como era o relacionamento deles quando eram namorados, quando ele ainda era Calvin e não o Estrangulador de Sweetbay, quando ela tinha apenas dezesseis anos e achava que estavam apaixonados. Ela descreve o abuso, tanto verbal como físico, mostrando para o tribunal enfeitiçado a natureza obsessiva e controladora de Calvin. Descreve seu medo e confusão, coisas que nunca havia discutido com ninguém antes disso, nem mesmo com Angela e, com certeza, não com seu pai. Coisas que por anos havia guardado em um cofre mental, num canto de seu cérebro, e que jamais havia se permitido visitar.

Se dessem um diploma por compartimentação, Geo já seria doutora.

— Anos depois, quando viu os noticiários, você conseguiu compreender que Calvin James era o Estrangulador de Sweetbay? — o promotor pergunta.

Geo sacode a cabeça.

— Eu jamais via o noticiário. Escutei alguma coisa sobre isso do meu pai, já que ele ainda vive em Sweetbay, mas nunca fiz uma conexão. Acho que não estava prestando atenção.

Essa parte é verdade, e quando ela olha Calvin de relance, os cantos da boca dele se levantam só um milímetro. Um leve sorriso. Seu antigo namorado era bonito quando tinha vinte e um anos, e ninguém discordaria disso. Mas agora, com trinta e cinco, ele parece uma estrela de cinema. Seu rosto está mais cheio, os cabelos despenteados em ondas perfeitas, os pequenos traços grisalhos nas costeletas e as rugas ao redor dos olhos só aumentam

seus atrativos. Está sentado à vontade na cadeira, com um terno e gravata simples, rabiscando em um bloco de papel amarelo. O leve sorriso não havia deixado seu rosto desde o momento em que Geo entrou no tribunal. Ela suspeita de que apenas ela consiga perceber isso. Ela suspeita que é destinado apenas a ela.

Quando seus olhares se encontram, um formigamento a atravessa. Esse maldito formigamento, mesmo agora, mesmo depois de tudo. Desde o dia em que se conheceram até o último momento que o viu, o formigamento jamais desapareceu. Ela nunca havia sentido isso antes, ou desde então. Nem mesmo com Andrew. Nunca mesmo com Andrew. Seu noivo — assumindo que ela ainda pode chamá-lo assim, já que o casamento planejado para o próximo verão não acontecerá — jamais despertou essa sensação.

Suas mãos continuam repousadas no colo, e ela gira o anel, sentindo seu peso, a segurança que transmite. Foi simbólico quando Andrew lhe deu, não apenas pela promessa de casamento, mas também pela vida que ela havia construído. Graduada na Universidade Estadual de Puget Sound. Com MBA pela Universidade de Washington. E, aos trinta, é a mais jovem vice-presidente da Farmacêutica Shipp. E daí se parte de sua carreira de sucesso se deve ao fato de ser noiva de Andrew Shipp, o executivo e herdeiro do trono? O resto se deve ao fato de que ela se matou de trabalhar.

Não importa. Agora essa vida acabou.

Por um lado, ela sabe que se livrara do pior. O advogado famoso valeu cada centavo que Andrew havia pagado. Mas, por outro, *a porra de cinco anos*. Na prisão, ninguém vai se importar com sua educação e seu sucesso lá fora, que até ser presa, ela tinha um salário de mais de meio milhão — incluindo os bônus — e que estava prestes a fazer parte de uma das famílias mais antigas da elite de Seattle. Quando ela sair — supondo que irá sobreviver e não ser esquecida no chuveiro —, terá um registro criminal. Um crime grave. Jamais conseguirá um emprego regular. Qualquer um que colocar seu nome no Google, ficará sabendo do caso do Estrangulador de Sweetbay, já que nada desaparece na internet. Ela terá que reconstruir a vida completamente. Mas não do fundo, e sim mais profundo que o fundo, rasgando o caminho para conseguir sair do buraco que ela mesma havia cavado.

Ela continua falando sucinta e claramente, contando os eventos daquela noite. O júri e os espectadores ouvem com arrebatada atenção. Mantendo o olhar focado em qualquer ponto no fundo do tribunal, ela descreve tudo. O futebol e depois a festa na casa de Chad Fenton. O jarrão de ponche de frutas, tão temperado de vodca que a palavra *temperado* não parecia ser a

certa. Ela e Angela deixando a festa mais cedo, as duas rindo e tropeçando até a casa de Calvin, com seus vestidos curtos, completamente bêbadas. A música pulsante do estéreo de Calvin. Angela dançando. Angela flertando. Bebendo ainda mais, o mundo girando, virando um caleidoscópio de imagens e cores estonteantes, até que, por fim, Geo desmaiou.

Então, algum tempo mais tarde, a volta para a casa de Geo, com Calvin dirigindo, e Angela dobrada dentro do porta-malas do carro. A longa caminhada pelo bosque, guiados apenas pela luz fraca de uma minilanterna presa no chaveiro de Calvin. O ar frio da noite. O cheiro das árvores. A dureza do solo. O som do choro. O vestido de Geo, sujo, coberto de terra, e relva, e sangue.

— Você não viu de fato Calvin James cortar o corpo? — o promotor pressiona.

Geo estremece. Ele tenta focar no desmembramento de Angela, tentando fazer com que soasse do modo mais horrível, ainda que sua melhor amiga já estivesse morta, o que já era pavoroso o bastante.

— Não, eu não vi quando ele fez isso — ela responde. Não olha para Calvin quando diz isso. Não consegue.

— O que ele usou?

— Um serrote. Do depósito no quintal.

— O serrote do seu pai?

— Sim. — Ela fecha os olhos. Ainda podia ver o brilho do aço quando Calvin o ergueu ao luar. O cabo de madeira, os dentes do serrote. Depois ficaria coberto de sangue, pele e cabelos emaranhados. — O chão estava muito... havia muitas pedras. Não conseguimos cavar um buraco grande o suficiente para... para... ela inteira.

Há um movimento no tribunal. Um farfalhar e depois um murmúrio abafado. Andrew Shipp se levanta. Olha para Geo, e seus olhares se cruzam. Ele acena um pedido de desculpas com a cabeça, e seu noivo abre o caminho para sair do tribunal, desaparecendo atrás das pesadas portas do fundo.

É possível que ela jamais o veja novamente. Isso lhe dói mais do que esperava. No colo, ela gira com força o anel por alguns segundos e guarda mentalmente a dor para outro momento.

Walter Shaw, agora com um lugar vazio ao seu lado, não se move. O pai de Geo não é conhecido como alguém emocionalmente expressivo, e a única evidência de seus sentimentos reais é a lágrima solitária que escorre por seu rosto. Ele nunca havia escutado a história, e ela jamais o culparia se seguisse Andrew para fora da sala. Mas seu pai não sai. Graças a Deus.

— Quanto tempo demorou? Para cortá-la em pedaços? — o promotor pergunta.

— Um tempo — Geo diz, em voz baixa. Um soluço cresce no meio da sala. Os ombros de Candace Wong Platten se agitam, e o ex-marido coloca os braços a seu redor, embora ele claramente esteja prestes a fazer o mesmo. Os atuais esposos dos dois estão em silencioso horror, sem saber como reagir. Não é a filha deles, não é a perda deles, mas também sentem tudo. — Parece que levou muito tempo.

Os olhos de todos se fixam nela. Os olhos de Calvin se fixam nela. Devagar, o olhar de Geo vaga pela sala até que seus olhares enfim se encontram. Pela primeira vez, desde que chegou ao tribunal, ela sustenta o olhar. Quase imperceptível, com um minúsculo movimento, percebido apenas porque ela o observa, ele acena com a cabeça. Ela foge do olhar e volta a focar no promotor, que faz uma pausa para beber um gole de água.

— Então você a deixou lá — o promotor distrital adjunto diz, caminhando na direção do banco de testemunhas. — E prosseguiu com sua vida como se nada tivesse acontecido. Mentiu para a polícia. Mentiu para os pais dela. Deixou que eles passassem quatorze anos sofrendo, sem saber o que havia acontecido com a única filha deles.

Ele para. Faz uma cena ao olhar fixo para Geo, depois para Calvin e, em seguida, para os jurados. Quando volta a falar, sua voz está alguns decibéis acima.

— Você deixou a sua melhor amiga enterrada num buraco, a menos de cem metros da casa onde você morava, depois que o seu namorado a cortou em pedaços.

— Sim — ela diz, fechando os olhos novamente. Ela sabe o quanto soa horrível, porque sabe como isso foi horrível. Mas as lágrimas não descem. Ela não tem mais nenhuma sobrando.

Alguém chora suavemente no tribunal. Mais como um gemido, na verdade. O peito da mãe de Angela arfa, o rosto coberto pelas mãos, o esmalte vermelho brilhante visivelmente lascado mesmo de onde Geo está. A seu lado, Victor Wong não chora. Mas suas mãos tremem com violência quando sobem até o bolso de cima do terno e tiram o lenço para entregar à ex-esposa.

O promotor não tem mais perguntas. O juiz anuncia um recesso para o almoço. Os jurados fazem fila para sair, e os espectadores se levantam e se alongam. Telefonemas são feitos. Repórteres digitam furiosamente nos laptops. O oficial de justiça ajuda Geo a descer do banco de testemunhas, e ela

passa devagar na frente da mesa da defesa, onde Calvin está sentado, e ele se levanta, agarrando sua mão quando ela passa, detendo-a por um momento.

— É bom ver você — ele diz. — Mesmo nessas circunstâncias.

Os rostos dos dois estão a centímetros de distância. Seus olhos são exatamente como ela se lembra, de um verde vívido e um toque dourado em volta das pupilas. Às vezes, ela vê esses olhos em seus sonhos, escuta sua voz, sente suas mãos sobre seu corpo, e mais de uma vez despertou coberta de suor. Mas agora ele está ali, tão real como sempre.

Ela nada diz, porque não há nada a dizer; não quando todos em volta olham para eles, escutando. Ela recolhe a mão. O oficial de justiça a empurra um pouco.

Geo sente o pedaço de papel que Calvin deslizou para sua palma e fecha as mãos, enquanto o desliza para o bolso do vestido. Ela interrompe a caminhada para se despedir do pai, girando o dedo para soltar o anel de noivado e dar a ele, a única joia que usa. Walter Shaw abraça-a grosseiramente. E a solta, virando-se para que ela não veja seu olhar desabando.

O julgamento não acabou, mas a parte de Geo, sim. A próxima vez que verá o pai será quando ele a visitar na prisão. O oficial de justiça a leva de volta para a cela. Ela se senta no banco do canto e, quando os passos do oficial de justiça se afastam, coloca a mão no bolso.

É um pedaço de papel rasgado do bloco de notas. Ali, Calvin rabiscou com sua caligrafia clara.

De nada.

Embaixo das duas palavras, desenhou um pequeno coração.

Rasga o papel em pedacinhos e o engole. Porque o único modo de se livrar daquilo é consumindo-o.

Geo fica sozinha na cela, imersa em pensamentos. O passado, o presente e o futuro se misturam, as vozes interiores soando em conjunto com as vozes reais dos policiais no final do corredor. Ela pode ouvi-los conversando sobre o último episódio de *Grey's Anatomy*, e se pergunta se tem como ver a série na prisão. Ela não tem a menor ideia de quanto tempo passa até que uma sombra aparece do outro lado das barras da cela.

Olha para cima e vê o detetive Kaiser Brody parado ali. Está segurando um saco de papel da hamburgueria local e um *milk-shake* de morango. O saco está cheio de manchas de gordura e imediatamente sua boca se enche de água. Ela não havia comido nada desde o café da manhã, que foi apenas um potinho de aveia fria servido em uma bandeja suja ali mesmo na cela.

— Se não for para mim, então você é muito cruel — ela diz.

Kaiser levanta o saco.

— É para você. Pode comer... se me disser o que Calvin James deslizou para a sua mão lá no tribunal.

Geo encara o saco.

— Não sei do que você está falando.

— Ele pegou a sua mão e deu alguma coisa para você.

Ela sacode a cabeça. Já pode sentir o cheiro da carne grelhada. Cebola frita. Batatas fritas. Seu estômago rosna alto.

— Ele não me deu nada, Kai, juro. Agarrou a minha mão, disse que era bom me ver, eu puxei a minha mão e não respondi nada. Só isso.

O detetive não acredita nela. Faz um sinal para o agente penitenciário, que destranca a porta de aço. Ele inspeciona suas mãos, depois o chão. Faz um sinal para que ela se levante, e ela obedece. Ele a revista de cima a baixo, verificando os bolsos. Resignado, entrega o saco para ela. Ela o rasga para abrir.

— Calma. — Ele se senta a seu lado no banco frio. — Tem dois hambúrgueres aí. Um é para mim.

Geo já havia desembrulhado o seu. Dá uma enorme mordida, a gordura da carne grelhada escorrega pela frente do vestido chique. Ela não se importa.

— Isso é permitido?

— O quê? O hambúrguer? — Kaiser ergue o pão de cima do seu e adiciona as batatas fritas. Coloca o pão de volta e dá uma grande mordida. — Você assinou o acordo, ninguém se importa se eu falo com você.

— Não acredito que você ainda faça isso. — Ela olha para o hambúrguer dele, fingindo nojo. — Batatas fritas em cima do hambúrguer. É tão colegial.

— Mudei em algumas coisas — ele diz. — Em outras, não. Aposto que com você também.

— Então o que você está fazendo aqui? — ela pergunta minutos depois, quando já havia comido metade do hambúrguer e o estômago parou de doer.

— Sei lá. Acho que só queria que você soubesse que não odeio você.

— Há um monte de razões para isso.

— Não mais — Kaiser diz e depois suspira. — Finalmente tenho uma resposta. Posso deixar tudo isso de lado. Você guardou esse segredo por muito tempo. Quatorze anos... Nem imagino o que isso fez com você. Por si só já é uma punição.

— Acho que os pais de Angela não concordam com você. — Mas ela fica contente que ele tenha dito isso. Faz com que se sinta um pouco menos que um monstro. Mas só um pouco.

— Por isso é que você vai para a prisão. Para cumprir a sua pena, sair e recomeçar a sua vida. Do começo. Você vai sobreviver a tudo isso. Sempre foi forte. — Kaiser põe o hambúrguer no banco. — Sabe, é engraçado. Quando descobri o que você tinha feito, queria te matar. Pelo que fez com Angela. Pelo que nos fez passar. Pelo que você *me* fez passar. Mas quando vi você de novo...

— O quê?

— Lembrei como era. Éramos todos os melhores amigos, porra. Não dá para apagar essa merda.

— Eu sei. — Geo olha para ele. Por baixo daquela casca de tira durão, ela vê bondade. Sempre houve bondade no interior de Kaiser. — Quando tudo aconteceu, eu queria ter te contado o que eu havia feito. Tantas vezes. Você saberia o que fazer. Você sempre foi a minha...

— O quê?

— A minha bússola moral — ela diz. — Fiz muita merda, Kai. E me afastar de você foi uma delas.

— Você só tinha dezesseis anos. — Kaiser mais uma vez suspira fundo. — Uma criança. Como eu. Como a Angela.

— Mas com idade suficiente para saber.

— Olhando para trás, muitas coisas agora fazem sentido. O jeito que você ficou depois daquela noite. O modo como se afastou de mim. Abandonando a escola pelo resto do ano. Calvin colocou você mesmo em uma armadilha. Eu não percebi o quão ruim era a coisa toda. — Kaiser toca em seu rosto. — Mas hoje você contou a verdade. Agora tudo acabou. Finalmente.

— Finalmente — ela repete, tirando uma grande mordida do hambúrguer, mesmo que já não estivesse com fome.

É mais fácil mentir com a boca cheia.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JANEIRO DE 2023